

Quis o mundo, em seu destino traçado, narrar-me estes acontecimentos. Confesso que, de uma certa forma, não estava presente porém, também de outra certa forma, me dediquei a compreensão destas coisas que imaginamos ver. Vejamos, juntos, o que de mais a vida nos esconde, ora dissimulando, ora poupando-nos dos triviais comportamentos desse nosso povo criativo e astuto que, em sua infinita sabedoria, revela, repetitivamente, formas naturais e métodos próprios de sobrevivência e participação. Sem mais para o momento e, por ser verdade, firmo o presente!

Zoroastro Antonio Teixeira Cavalcante

“Arco do horizonte”

A grande nuvem escura passou como um filme na linha do horizonte, a falta de atrevimento fez a opção pelo descaso, contornando a área urbana.

Graças a Deus dessa vez a tempestade, como que guiada, deu a trégua oportuna àquela gente de fé, proporcionando apenas o belo arco-íris.

Nas tardes anteriores não estavam as mágicas cores no céu - via-se, por toda terra, o povo sem nada buscando coisas perdidas entre as turbulências e os transtornos!

Depois da tempestade o que resta é, de fato, o cheiro da enchente e a angústia sofrida pelo descaso e penúria, características das cidades e dos cidadãos.

Promessas, campanhas e novos governantes entram a cada quatro ou cinco anos, mas as rotinas e precauções para o domínio do flagelo são sempre passados de geração para gerações tal qual os votos de “Felizes e Prósperos Anos-Novos”, todos os anos!

Sobre as águas fétidas bóia de tudo, corpos de animais, objetos irremediavelmente perdidos e toda imundice que este mundo gera.

Com esperança e outros sentimentos confusos, resgata-se também, pelos mesmos motivos,

qualquer pedaço de pano, gravetos ou o que seja aparentemente de alguma serventia para alguém, um dia, quem sabe.

Quem vive a vida trabalhando, sonhando e acreditando no futuro é irrelevante ajudar os outros, afinal desde que o mundo é mundo é um tal de “cada um pra si” que as almas humanas já haviam sido acostumadas a chorar só um pouquinho pelas outras desgraças - mas nem por isso deixam de ser solidárias quando podem oferecer algo inútil pra si, mas que talvez possam selar uma espécie de compromisso de vida com as almas-iguais.

Esperança, nome feminino mas, ambígua por natureza - tem-se mulher esperança pra tudo nessa vida!

Vida de esperança é como em qualquer parte, vê-se as chances que se precisa pra tudo, até para morrer, que se espera natural, serena e rápido, dormindo se possível!

Que esperança se poderia ter com aquelas cheias?, nas nuvens carregadas nos finais das tardes, aqueles verões escaldantes! - mudar-se para cenários mais promissores, menos tediosos e ainda mais arcos-íris, são planos - se possíveis..., o futuro dirá!

Mas, aos poucos, todas as esperanças minadas pelas águas, escorregando pelos vales encharcados, cheios de inutilidades transbordando, vão carregando pelas margens o miolo acéfalo dos sonhos coletivos e seletos, bem ao gosto da miséria e do pouco-caso que se acostumou chamar, por estas bandas, de “futuro”.

Ninguém oferece um bujão, se alguém precisar que pegue um toco para ir tirando gravetos e cavacos - tudo é presente e de graça, o que passa não é pelo acaso, é o acaso da desordem que traz todas as chances das novas posses. É pegar ou largar, segundo a ordem natural da miséria - pega e foge, é o plano dos inválidos.

A última a morrer, para a surpresa dos votos declarados e nulos, não é nunca o que se espera - ao contrario do que se imagina existir, atrás do arco-íris dificilmente haverá um pote de ouro - ter esperança é esperar pra ver, mas só se for no futuro!

Pode imaginar? Claro, todos podemos!

Já se imaginou de tudo...gente é o que não falta! Imagens incompletas e sugestivas instigando o imaginário, assim se deposita as contribuições exageradas das invencionices e dos potes.

Não se havia inventado tamanho caos quando o assunto é natureza! - é fogo e água pra todos os ventos sobre as terras. Ninguém espera por arco-íris, mas ao ter a vista tamanho sinal dos céus, não se dissimula: - pega e foge, como quem se sonha fugindo com os potes imaginários das loterias federais.

Agradece pelo que tiver de posse e pelo que ha de vir a ter - não é por nada - só por desencargo de consciência vai que,

no juízo final, precisa! - pensa nisso agora, enquanto esta vivo e cheio de esperança, no futuro!

O futuro a Deus pertence, diz a fé do povo. Todo padre destinado às paróquias ribeirinhas já vem, desde o seminário, cansado de saber que em caso de cheia ou falta de esperança, o melhor a fazer, sempre, é elevar o altar e seus componentes ao grau Máximo de segurança - o santo, os potes, os panos sacros e bordados em geral primeiro, depois se tranca tudo bem trancado para, no aguardo das vazantes, se resgatar a fé e a ordem postergada.

Bobagens das crenças! Todo mundo sabe que estas coisas são evitáveis apenas pelo medo e que as rezas afastam tanto nuvens carregadas quanto nuvens amenas, dessas que por vezes, fazem a alegria e trazem as fortunas em potes mágicos - diz a fé do povo.

O medo e a fé são sintomas das crenças e a continuidade dos seminários. No futuro, que a Deus pertence, todas as paróquias não ribeirinhas lembrarão dos miseráveis portadores de coisas resgatadas das margens e disponíveis a quem possa precisar. Tenha fé e encontrara o que foi perdido, acumulado em potes como as loterias prometem sem medo, para o futuro!

Nas águas do ano anterior muita perda foi acometida, a mais sentida foi justamente a do vigário que, não se sabia como, ao sair a noitinha para atender o suposto chamado, não retornara a casa-paroquial e nunca mais fora visto. O desaparecimento daquela personalidade impar foi um golpe dos mais duros e incompreensíveis na comunidade, até então.

Reservado e ao mesmo tempo habilidoso com as palavras, as articulava com propriedade - em suas reservas nutria os mistérios, principalmente nas coisas de pensar que instigava os fiéis, frequentadores dos sermões dos domingos, a cultivarem o hábito.

O carinho do povo e as contribuições que se faziam aos domingos, ora na missa, ora depois do culto, já eram de um vazio imenso e de uma tristeza sem tamanho!

Que destino teria tido a alma reservada? – o intrigante desaparecimento, embora recente, já não era o assunto do

dia-a-dia, nem tanto pela importância, nem tanto pela falta ou o que quer que seja, talvez pela própria natureza, aquilo já estava no passado da vida!

Pessoas simples cultivam hábitos e criam outros com naturalidade, coisas complicadas são resolvidas simplesmente num piscar de olhos – as águas passam e, como lágrimas, lavam as faces da terra marcadas pelos sulcos e as fendas, tão semelhantes as rugas, poros e expressões dos humanos e suas almas.

Bastava um olhar, bastava uma única gota, as vezes, nem isso! - questões surgidas são devolvidas sem precisar de análise profunda, não há necessidade, às necessidades!

Relações e relacionamentos, mesmos os pecaminosos, não são vistos e nem devem ser, e isto todos concordam, humildes ou não se submetem à natureza e por ela apenas derramam suas gotas.

O padre novo era esperado desde o inverno - em carta de papel timbrado, a prefeitura havia enviado a solicitação de pároco substituto em regime de urgência, dada a vacância precoce e inesperada. As justificativas estavam bem explicitadas no texto de Esperança - desde que o prefeito a contratara, a pedido da família, a moça trazia consigo o caderninho de anotações onde constava de tudo, dos afazeres e tarefas diárias, aos pedidos que o povo lhe dirigisse.

Através daquelas anotações a história da cidade vinha sendo contada nas miudezas e grandezas dos acontecidos.

Jovem, dedicada não só aos caprichos do pai vaidoso, sitiante influente, mas atenta às carências do povo - Esperança aprendera a amá-los observando a atenção e o zelo que a mãe frágil dedicava à comunidade através da igreja e das beatas. Seus hábitos eram conhecidos, não era uma beata, mas sua devoção às causas do vigário comovia! Quando estava lá, em ofício ou não, gostava de usar a lapela da gola engomada, a medalhinha benta do padroeiro e no braço, a pulseira de alpaca e cobre, igual ao do padre que, em segredo sabido porém jamais revelado, a presenteara em gesto íntimo e velado.

Comprometia-se da sacristia às quermesses beneficentes da paróquia, nunca: “deixando a desejar”, conforme agradecia em elogios, no âmago de sua fé, o gentil pároco, sempre em nome da afetuosa comunidade ribeirinha.

Certos eventos transpunham noites, ora novenas, ora vigília, ora apenas orações no lecionário da sacristia. Cuidava pessoalmente, como devota, das manipulações dos compridos terços noturnos, hábitos que fora obrigada a interromper já por interferência do marido preocupado com os comprometimentos de saúde naquela gestação tardia.

Esperança dormia cedo e acordava ainda escuro, antes que o pai atarefado se sentasse, o bolo de fubá, o ovo cosido e o café forte já o esperavam quentinhos sobre a mesa composta com toalha de chita e bicos de crochê coloridos.

A mãe quase morrera ao dar a luz ao menino, nascido prematuro na mesma noite em que Esperança completara 17 anos. A indiferença e o pouco caso de seu pai eram, neste caso, diferentes – não lhe causava surpresa porque bem conhecia o temperamento dos homens rudes e atarefados com o dia a dia das coisas, mas, no entanto, sentia, pela mãe, uma certa falta que ao contrário, tanto poderia ser-lhe mais útil! Mas, útil para o momento foi acomodar a dor e arrumar um conforto naquele desconforto prematuro - vestiu-lhe como pode a camisola melhor e retirou a pulseirinha de alpaca e cobre que havia se enroscado a manga, pela primeira vez notara que havia ali as letras “al”, gravadas a mão – diferentes!...que seria aquilo? - lhe ocorreu procurar saber...um dia!

Os gritos podiam ser ouvidos desde a porteira, onde as águas do riacho ameaçavam carregar o mata-burro. Assim que a charrete conduzindo a parteira passou pela valeta, um grande relâmpago azul e prata cruzou o céu como se, anunciando o rebento, felicitasse a aniversariante!

Quando a parteira entrou no quarto, a água quente e as toalhas já estavam ao lado da cama sobre o criado-mudo.

Esperança, havia posto mais querosene no candeeiro e reforçara a iluminação precária com velas novas - foi o que salvou a situação - não fosse os cuidados tão bem pensados, sabe Deus o que teria sido o desfecho daquele parto

complicado, embora anunciado em luzes azuis e prateadas. Durante a longa madrugada, apesar das chuvas, a chaminé evidenciava a intensa atividade na casa, a água fervente providenciada servia ora para a higiene das toalhas, ora para o café novo disposto em bule sobre o fogão de lenha.

Esperava-se, por toda a complicada gravidez, o nascimento de um menino - era evidente! - muito enjão e barriga pontuda, sem dúvida, eram os prenúncios conhecidos!

Melhor assim, um irmão seria para ela praticamente como um filho - dedicada e amorosa, a moça saberia suprir as necessidades da mãe no resguardo fechado.

Ao se consolidar o parto, os olhares, as lágrimas e gotas que se cruzavam por todas as fendas, poros e sulcos, evaporavam-se conforme a natureza em seus arranjos - o alívio substituíra a agonia e, na dança de todas as conveniências, iam espalhando-se pelas faces exauridas mas prontas para as tarefas seguintes.

Só no dia seguinte se pode avaliar os estragos das corredeiras e os prejuízos das cheias - o braquiara parecia um tapete encharcado, dava pra ouvir o barulhinho das águas por baixo do capim-gordura envergado - até árvores do alto do morro deitaram!

A casa, antiga mais reforçada, agüentava bem a água-ceira - salvo uma goteira ali, outra acolá, faziam apenas com que o assoalho rangesse um pouco mais, na adaptação entre o seco e o molhado. Da varanda de frente dava pra ver até a curva da estrada onde o barranco havia se soltado sujando, com o barro vermelho, a mina d'água mais grossa.

O curral do centro e o mangueiro eram só barro e bosta - as mulas e a tropa de burros, mesmo depois da noite de trovões e relâmpagos, bem alimentadas e protegidas, aguardavam serenas e calmas, a ordem unida dos tropeiros.

Esperança parecia gostar daquele lugar - com o olhar distante, pensativa, observava o grotão de ingá que margeava o riacho transbordando. Ninguém andava por ali a toa, vez em quando uns caboclos armados de fisga e tarrafa, se

embrenhavam pelas capoeiras até alcançarem os poços mais fundos atrás de traíras, bagres e rãs-pimenta.

Desta vez a expectativa era maior – O que seria de todos?- o que poderia vir entre os pescados e notícias? - e, principalmente: - o que as águas trariam à tona, ou, quem sabe, se trairiam segredos ocultos em suas profundezas?

Rã é prato indicado para parturientes e Esperança aguardava os camaradas trazendo, nas feiras, os batráquios já limpos e prontos para a panelada.

A dieta de peixe bom, leite grosso e os cuidados intensos, foi o que fez vingar a criança, dando nova vida à velha casa úmida e rangente.

Os chorinhos que antecediavam as mamadas e os banhos de asseio já não incomodavam tanto, assim era comum na natureza, bichos são assim, porque não seria para o pai que, mesmo cansado, arrumava um jeitinho na cama pequena só para se esparramar, sem incomodar o rebento ainda estranho e tão desconhecido – para ele, ainda faltariam muito anos!

A ordem para limpar os barrancos e desobstruir a estrada fora passada bem cedo, de forma que, quando a charrete trazendo o padre novo chegasse, nenhum dos empecilhos restasse para atrapalhar o almoço e o batizado. Já era quase meio dia quando a carruagem, escoltada por cavaleiros do município, surgiu na curva da estrada. No comboio vinha a charrete trazendo o sanfoneiro e o casal de padrinhos. O belo manga-larga, garanhão criado a fartura de privilégios, montado pelo enfermeiro acumulando função de fogueteiro - vaidoso e prestativo abria, pomposo, a chegada da comitiva. Os estampidos anunciavam o início da festa.

Ao descer da carruagem, bem em frente aos degraus da varanda, o jovem padre levantando o rosto, franziu a testa quando viu na expressão de Esperança a surpresa estampada – para ninguém era comum um padre sem batina e muito menos tão jovem! – poderia ter suposto.

- O cheiro esta bom! - foi o comentário que iniciou as conversas ainda na varanda.

Esperança correu para o fogão que já chapiscava o cosido e mudou a posição do tacho de arroz, trazendo pro braseiro o bule de café.

Para a surpresa ainda maior de todos o padre, enfeitando o café cheiroso, pediu da pinga pura, servida na canequinha de bambu que o enfermeiro e o sanfoneiro já as tinham em mãos. Esperança sorrindo comentou:

- Padre, a fé remove montanhas, não é mesmo? - só falta oferecer “pro santo”!

Em seguida, o padre deitando um golinho no piso, ofertou por conta própria “a do santo”, quebrando o protocolo e as eventuais estranhezas ainda por virem.

O ritual do batizado, a profissão de fé nas lembranças das escrituras feitas pelo jovem religioso emocionara os convidados. Esperança, com os olhos alvos e lacrimejantes, esboçava um sorriso de cumplicidade e admiração pelos ensinamentos do novo amigo. O carisma, o rosto rosado, os cabelos brilhantes e negros do padréco pingüço, já havia conquistado a todos. Desde a vila, o sanfoneiro, dono da charrete mais bem cuidada do mundo, já o tinha íntimo nas piadas e nos contos de beira de fogueira.

De olhos compridos de juventude e safadezas sempre, com sua sanfona a tira-colo, aparecia convidado ou não, em qualquer evento das redondezas. Seu repertório fazia parte de todas as festanças - até o hino da cidade, adaptado à sanfona, com arranjo de sua autoria, já havia ensinado ao padre. O homem, afrouxando o colarinho, fez todos rirem cantando as emboladas de duplo sentido, entre pernas de rã e gargalo entornado - inclusive a parturiente tácita, concedendo anuência. Da cadeira de balanço, com o bebê ao colo, parida e pálida mas bem penteada, dispunha do ângulo privilegiado para, anuindo rir e, ao mesmo tempo, observar o deslumbramento de sua filha tão displicente, sem notar o olhar cético do pai, contando mentalmente os tragos do padre. Olhar para o que está sendo observado costuma enriquecer a imaginação e dar consciência do pensamento alheio para, em seguida, se esquecer e seguir cada um a própria maneira de se fazer ausente, mesmo estando absolutamente representado apenas com a postura, e calado!

A tarde já ia afundando por traz do morro, quando o trovão seguido do raio curto, espocou sobre a capineira, atingindo em cheio a paineira, até então, branquinha de tufos. A árvore gigante e incandescente agonizava frente aos olhos espantados.

Esperança não viu o espetáculo, naquele momento ela tirava o bolo de fubá do forno e o estampido, seguido do susto, a fez derrubar a forma, espalhando por toda a cozinha os pedaços amarelinhos, ainda soltando fumaça.

O grito levou o padre e o sanfoneiro ao socorro imediato, seguido pelos mais próximos - o que viram ali teria sido um misto de perplexidade e encantamento!

Esperança agachada, com as coxas desnudas, recolhia o que restou do bolo ao chão - sem, talvez, notar que estava tão a mostra, de cócoras, ia marcando definitivamente a sua passagem de criança para a bela e desejável mulher em que se tornara naquele exato momento. Solidário, o padre tentava ajudar, enquanto alguém fora buscar uma vassoura - neste momento Esperança, organizando o caos viu, pela janela, a paineira fumegante - olhando fixo para o padre comentou:

- Que espetáculo que é a natureza! - o senhor não acha?

- Sim, ainda agora, era uma paineira em flor! - respondeu, refletindo engasgado, reticente e lacônico...

- Mas pode me tratar por: você, por favor.

O corre-corre repentino não atrapalhou a amamentação lá na cadeira de balanço, apenas atrasou um pouco o último gole de café e a partida da carruagem.

Assim como os padrinhos, muitos dos convidados já haviam posto o pé na estrada, com receio da chuva certa e carregada. Restavam apenas uns poucos, todos já na varanda para as despedidas, os agradecimentos e as demais benções.

Até amanhã! - preconizou Esperança, com o olhar fixo e lânguido para padre avermelhado.

- Até amanhã, se Deus quiser...- disse, como um cristão precavido.

O novo estampido foi justamente no momento em que o manga-larga do fogueteiro cruzou a porteira na saída do sítio.

As luzes coloridas no céu pareciam ser o sinal, um tanto precoce, das visões e os descobrimentos que Esperança teria em sua vida dedicada, mas só para si.

Pra si, e mais ninguém - no seu íntimo já estava determinado! Ninguém, a não ser ela e Deus deveria ou poderia compartilhar de todos os sonhos e pensamentos.

Mas foi ao voltar-se para a mãe que percebeu, pela primeira vez, que aquele segredo já não era só seu.

Nenhuma palavra fora dita, nenhum gesto revelado, mas não havia dúvida, ela sabia!

Segunda feira era dia movimentado na Prefeitura, principalmente no começo do mês, quando vários pagamentos e recebimentos coincidiam. Na sala em que Esperança trabalhava, apenas um biombo separava o gabinete do prefeito, inclusive dos demais departamentos - o lustre de cristais, doado por ruralistas, servia aos quatro ambientes do salão de pé-direito alto.

Próxima a janela que dava para a praça, o ângulo privilegiado alcançava, de ponta a ponta, desde a esquina do armazém, até os três primeiros degraus da Matriz.

A sombra da velha flamboaiã, através da porta alta e dos vidrinhos coloridos das janelas laterais, ia lá para dentro da Igreja, dando aos afrescos e a imagem do padroeiro, os tons misteriosos que mexiam com a imaginação dos fiéis e transeuntes.

Era o cenário para os mais variados acontecimentos, todos os dias, assim que a charrete estacionava naquele canto da praça, o engraxate já se adiantava para ganhar uns trocados, prestando seus serviços às botas enlameadas do prefeito ou de quem fosse, desde que a vista!

Menos do padre, porque esse não tirava o tênis nem pra celebrar as missas dos domingos. Vestindo a mesma camiseta com a estampa do homem barbudo e de boina, lá vinha aquele iluminado brincar com a criançada no coreto da praça.

Da janela da prefeitura podia observar aquela rotina. Assim que as beatas saiam pela sacristia, o coroinha apontava na

porta principal puxando o capacho pra fora, levantando a inevitável poeira acumulada de véspera.

As coisas de pensar aconteciam a toda hora mas, encaixar as necessidades aos fatos é sempre o que mais cabe em todo momento, é assim com a natureza e é assim também com os humanos, quase todos!

Os gestos e os hábitos do padre eram um negócio que intrigava a atenta Esperança - todos os dias depois da missa, a charrete do sanfoneiro aguardava no ponto, com exclusividade, para levá-lo estrada a fora, sabe-se lá onde e porque!

“- Cada um com sua mania” - raciocinava calada. Mas não deixava de ser curioso o hábito daqueles dois...juntos, na tarefa matutina e diária, ao saírem galopando a charrete de fardo grosso, na direção da serra!

Já na segunda vez em que se cruzaram na estrada, Esperança notou na expressão do pai algo de curioso! – franzindo a testa, olhara de soslaio para aquela cena que se repetia. Mas, foi mais pelo silêncio que a denúncia se evidenciou, Esperança havia percebido, mas não compreendera a cisma; Ainda!

- Bom dia, seu padre! – era o Maximo que se permitia na janela da prefeitura.

Um dia, porém foi mais longe; Após desejar-lhe o bom-dia de sempre, ousou:

- Quem é o santo da camiseta que o senhor sempre usa?

- Ah, é o Che-Guevara, personagem admirável mas, nada de santo! - morreu cedo, lutando por ideais! - respondeu um tanto displicente, apertando o passo.

Quem seria este que, “lutando por ideais”, morrera tão cedo? - e que ali estampado no peito do padre, sem ser santo ia, junto com o charreteiro sanfoneiro, ser cúmplice nos galopes matinais lá pros lados da serra, quase todos os dias.

Mas não perguntou mais, fez-se de satisfeita com seu aceno e o sorriso de lábios cerrados, desviando-se para os papéis sobre a mesa, continuou a rotina da seção.

- “...morreu... lutando por ideais!”.

Essa frase não lhe saía da cabeça desde o dia que conheceu Che-Guevara, estampado na camiseta branca e puída do padre!

Os detalhes sobre o guerrilheiro revolucionário foram obtidos justamente em um trabalho de escola que lhe caíra as mãos por acidente. Das pastas da professora, transitando pelos meandros da prefeitura, escapara alguns documentos, entre eles: a “Vida e obra de Che-Guevara” escrita, com capricho e letra miúda, por um dos alunos da Escola Municipal.

Na capa, de título delineado com pincel-atômico, estava bem coladinho a mesma imagem da camiseta, logo abaixo, a assinatura do autor.

Esperança devorou aquele texto ali mesmo. Antes de devolver o rico trabalho, pessoalmente na secretaria da escola, ainda teve tempo para anotar as referências citadas na contra capa, para mais tarde passar na biblioteca e poder conhecer mais sobre o revolucionário dos ideais.

Ficou sabendo, na secretaria, que a professora, de fato, passou a ter grande admiração por este personagem conversando com o padre e, talvez, influenciada por ele, ministrava na sua pedagogia, as revoluções do povo e seus ideais.

Um ideal justificava, segundo a história, a saga daquele latino porém, a determinação foi o que mais havia lhe cativado.

Quer dizer que os ensinamentos e as revoluções do estampado já haviam atingido aos conhecimentos da sabida...- humm! – grunhiu solerte, se apercebendo da imaginada teia.

Aquela vida, do trabalho para casa, de casa pro trabalho, já não a satisfazia, e tantas inquietações já se mostravam insuportáveis. Faltava-lhe o tal de “ideal”!

Mas, determinação sempre foi o traço mais marcante de Esperança, isso ninguém negava, precisava ter uma conversa séria com aquele padréco admirador de revolucionário!

E Hoje!

Traçou o plano e a sua própria teia para o sábado. Assim que terminara as comprinhas da feira, astuciosa, aguardou o final da missa sentada na charrete que, naquela manhã ensolarada, ela própria conduziria na volta pro sítio.

Assim que as beatas fecharam a sacristia o plano foi posto em curso.

- Bom dia seu padre! To voltando pra casa e passo pelo poço, o senhor vai gostar do passeio, aceita?

Convenhamos: Um convite desses não acontece todo dia, nem por acaso! - devia ter sido isso o que o espírito soprou-lhe ao pé do ouvido.

- Mas é claro que aceito! - reagiu de pronto. Ágil, pulando para o assento do carona emendou:

- Mas, por favor, me trate por: você - e eu já tinha te pedido isso! - mostrando-se ágil também nas memórias e lembranças...

Esperança também lembrou imediatamente do estrondo, da forma do bolo quente voando pela cozinha e a concessão aberta, pela primeira vez, quando pedira que o tratasse de: você.

Mas, naquela situação, vendo o espetáculo que a natureza propiciava, nenhum dos dois tinha mesmo como não lembrar. Para o padre, as cochas morenas dançando a sua frente, entre os pedacinhos de bolo de fubá soltando fumaça...Para Esperança o cio, e a paineira em brasas!

- Gosto muito de ir ao poço, faço isso sempre que posso, graças ao meu amigo charreteiro, que também adora, temos ido quase todos os dias, para dar uns mergulhos! - Então era isso: bem, dos males, o menor!

Pelo menos o mistério em que o Che-Guevara participava estampado era, ao que lhe pareceu, menos revolucionário do que os seus atormentados pensamentos.

A expressão de contentamento dos dois era visível a olhos nus. Enquanto se distanciavam, diminuía a distância entre suas pernas. No trote macio da égua treinada, a charrete deslizava estrada acima, beirando o riacho rumo ao poço.

Os aromas se alternavam em uma dança louca: - jabuticaba, laranja, eucalipto, goiaba, limão, mel...etc. O sol forte da manhã avermelhou ainda mais os rostos dos dois. Assim que a égua parou sob a sombra do ingá, Che-Guevara foi

pendurado no galho seco. - por isso, a gola estava tão puída! –observou.

Vendo o dorso nu mergulhar na água transparente, parada ali, sem saber o que fazer, lembrou-se de compor o “ideal” que lhe faltara, mas a determinação foi mais presente.

“Ainda não Esperança, ainda não!” – refletiu, contendo o coração que a ameaçava sair pela boca!

De dentro d’água, o sorriso parecia ser ainda mais branco do que sempre fora em contraste com os cabelos negros e molhados, ainda mais brilhantes. Nas braçadas, os ombros largos evidenciavam a compleição mais jovem do que supunha a boquiaberta expectadora na beira do poço.

- Venha se refrescar, esta uma delícia! – instigou-lhe, lá de dentro do turbilhão.

Esperança então, segurando a saia entre as pernas, pôs os pés naquela mesma água em que, bem a sua frente, o moço rindo e encantado, desfrutava do semblante meigo, de aparência tão ingênua, postada entre as pedras e a areia clarinha.

O barulho do galope cortou aquele clima com um só golpe. O companheiro dos mergulhos no poço chegara esbaforido assustando até a égua, laçada ao galho de ingá.

- Dia quente! - num güentava mais esperar pro mergúiu, pensei inté qui não vinha mais!

-aí mi disseru que oceis tinha vindo nessa direção e então...

- Cale-se homem...- gritou o padre visivelmente constrangido - ao mesmo tempo em que se recompunha, chamando o amigo xucro pra dentro, num tom informal e meio sem graça.

Esperança, mais constrangida ainda, não sabia o que fazer, quando o sanfoneiro peitudo, já sem camisa, abaixou a calça e de cueca, também puída e transparente, mergulhou no turbilhão. Como garotos brincando, os dois se divertiam no movimento das águas, aquele agarramento nas brincadeiras de mão, ora um sumindo na corredeira, ora o outro surgindo perto da pedra grande. - aquilo estava mexendo com a libido, e dos três!

- Deus do céu! – exclamou, ao se dar conta da hora. Já ia passando das dez e as compras pro almoço ainda estavam ali na charrete carregada.

- Tenho de ir! – o tom complacente exprimia, quase que sutilmente, o quanto lamentava ter de deixar aquela cena que, bem sabia, jamais iria esquecer!

Mas e o padre? -como não havia o “plano B”, deixou que a natureza, em seu curso, resolvesse, e deu certo...

- Volto da garupa dessa égua fogosa! – a insinuação, por assim dizer, ficou no ar por uns dez segundos, antes que Esperança e o músico raciocinassem com o verbo, sujeito, predicado, substantivo e adjetivo da frase.

Já no galope da charrete, imaginava os dois corpos molhados, sobre a égua fogosa – quem estaria na garupa, o menor ou seria o maior? Mas quem era o maior, quem era o menor?! – a transparência mal revelada a revolvía no turbilhão.

- Desculpe o mal-jeito, - até amanhã – gritou, acenando de longe para aqueles dois homens garotos, lá de dentro das corredeiras.

- Pega e foge! - raciocinava Esperança, ainda se aproximando de casa. Das águas revoltas ainda sobram os respingos na testa suada, latejante e avermelhada.

Foi assim que ia descarregando a matula na dispensa quando, na cadeira de balanço, percebeu os olhos miúdos de seu irmão, partilhando com a mãe, dos mistérios que emanavam daquela coreografia ligeira, traçada sob medida só para os dois!

“O que será dele quando crescer? – como serão nossas vidas? Com quem se identificara? O que faremos por eles?” – turbilhões, revolviam sua cabeça...

- O que foi? –Inquiriu-lhes, tentando fazer-se de desentendida, enquanto buscava foco na direção daqueles quatro olhinhos que a fitavam com tanta intimidade...e cismas.

- Nada não! – tava aqui vendo o quanto cê tá mudada!...parece até sua avó, atarantada com os espaços e o destino das coisas!...- respondeu-lhe maternalmente a lactante com um suspiro profundo, trocando o menino de peito.

- Vim devagar no sol quente e resolvi passar pelo poço pra lavar a égua, imagina quem tava lá? – transmitindo a falsa versão dos fatos, no singular.

Os saltos da bota paterna se anunciaram nos degraus da varanda e no segundo seguinte...rompeu o vozeirão:

- Tá pronto o almoço? – Sim! – respondeu ao pai. – O padre! – dirigindo-se à mãe, enquanto tratava de, desviando o olhar, ir olhando pensativa para o seu infinito particular.

Esperança andava mesmo diferente, e já não era de hoje! Seu interesse pelas coisas do sítio, pelos pedidos do povo e até mesmo pelos horários da prefeitura, já não era o mesmo desde, praticamente, o batizado - tava ali o pai faminto, rodeando cozinha tal qual um adolescente ao chegar da escola e, como todo adolescente, profundamente decepcionado!

Sem culpa, perfeitamente justificada e com a égua lavada, Esperança esquentava o que já estava pronto, enquanto os ovos fritos sapecavam na chapa.

- A comida tá na mesa – sentenciou.

Alcançando a bolsa de alça pendurada no gancho da porta, apenas avisou:

- Deixa na pia que eu lavo, quando voltar...- partindo imediatamente de volta para a estrada em direção ao poço, com muita pressa, na égua e a pelo!

- “Essa menina anda muito diferente!” – observou o camarada fechando a porteira, com a fieira de lambaris, rãs e bagres amarrada a cintura. - “Se a moça for no poço, deusmilvri das consequência...” – prevendo, arguto, os acontecimentos, decidiu que o melhor é calar-se e não se meter nas coisas da patroinha, em soltura de juventude!

Mesmo que fosse sua intenção, o que o matuto, que tudo vê, poderia dizer para a afoita amazona sem precisar julgar e ser julgado?

Pois foi julgando seu ideal que Esperança vestindo apenas a camiseta do Che, arrancada do galho, se atirou no turbilhão daquela revolução que acabara de eclodir!

A cara do sanfoneiro e do padre era de quem acabara de ver o cão! No entanto, a alegria evidente fez mais por eles que o próprio cão!